

Temática Livre:

## Internetês, multimodalidade e norma-padrão: perspectivas de graduandos do primeiro semestre do curso de Letras da UNEMAT

*Internet Language, Multimodality, and the Standard Norm:  
Perspectives of First-Semester Undergraduate Students in  
the Language and Literature Program at UNEMAT*

DOI: 10.59666/fiosdeletras.v3i06.5317

Gabriel de Oliveira Lopes <sup>1</sup>

 Universidade do Estado de Mato Grosso

 gabriel.oliveira1@unemat.br



Revista Fios de Letras

ISSN: 2966-0130

v. 3, n. 06, e062608, jan-jun, 2026

Informações sobre os autores:

**1** Graduado em Licenciatura em Letras: Português e Inglês pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), com conclusão em 2024. Atualmente, mestrando na área de "Estudos Linguísticos e Literários" e na linha de pesquisa "Práticas de Linguagem e Sociedade" pelo PPGLETRAS - Sinop e escritor de prosas poéticas. Membro do GEPLIAS - Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Aplicada e Sociolinguística - UNEMAT. Atualmente, professor concursado em Mato Grosso (SEDUC-MT).

Fluxo editorial:

Recebido: 06/06/2026

Aceito: 22/06/2026

Publicado: 23/06/2026



This work is licensed under a Creative Commons  
Attribution 4.0 International License.

**Plagius**

Verificador de Plágio

**Resumo:** Este estudo investigou a percepção de estudantes do primeiro semestre de Letras sobre o fenômeno linguístico denominado internetês, bem como sua relação com a multimodalidade e o impacto dessas práticas na aquisição da norma-padrão. A pesquisa foi realizada com 17 participantes, todos alunos do curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus Sinop. Para a realização desta pesquisa, utilizamos: (1) Pesquisa de campo (quanto ao procedimento técnico); (2) Qualitativa de cunho interpretativo (quanto ao método); e (3) Básica (quanto à natureza). No que concerne à coleta de dados, esta foi realizada por meio de questionários *Google Forms* contendo oito questões semiestruturadas atinentes ao internetês, à multimodalidade e à norma-padrão. Por meio do questionário aplicado, foram analisadas as compreensões conceituais, a incidência de uso e as implicações pedagógicas dessas novas formas de comunicação mediadas pelas tecnologias. Os resultados revelam uma visão predominante que classifica o internetês como "linguagem informal", gerando, para alguns, preocupação quanto à sua interferência na escrita formal, embora outros reconheçam seu papel na expressão cultural e criativa. Outrossim, no que diz respeito ao conceito de multimodalidade, percebemos que muitos deles já possuem certa ideia do que seja esse fenômeno, ainda que não contemplem a visão do fenômeno em seu todo. Quanto à visão sobre ensino de norma-padrão (NP) os dados sugerem que, embora predomine uma concepção normativa da língua entre os estudantes, há um reconhecimento crescente da necessidade de integrar o letramento digital ao ensino de Língua Portuguesa, focando na competência de "adequação contextual" como chave fundamental para equilibrar as variedades linguísticas. Por último, o referencial teórico desta pesquisa está fundamentado em duas áreas principais. Para as discussões sobre variação linguística, norma-padrão e preconceito linguístico, utilizamos os estudos sociolinguísticos de Antunes (2007), Bagno (2015) e Travaglia (2009). No campo dos estudos voltados para a linguagem online, consultamos Barton e Lee (2016), Castilho (s.d.), Freitag e Fonseca e Silva (2006), entre outros.

**Palavras-chave:** Internetês. Multimodalidade. Língua. Linguagem. Norma-padrão.

**Abstract:** This study investigated the perceptions of first-semester undergraduate students in a Language and Literature program regarding the linguistic phenomenon known as Internet language (internetês), as well as its relationship with multimodality and the impact of these practices on the acquisition of the standard language norm. The research was conducted with 17 participants, all enrolled in the Language and Literature program at the State University of Mato Grosso (UNEMAT), Sinop campus. To carry out this study, we adopted: (1) field research as the technical procedure; (2) a qualitative interpretivist approach as the methodological framework; and (3) basic research in terms of its nature. Data were collected through Google Forms questionnaires containing eight semi-structured questions related to Internet language, multimodality, and the standard language norm. The questionnaire enabled the analysis of participants' conceptual understandings, frequency of use, and perceptions regarding the pedagogical implications of these new technology-mediated forms of communication. The results reveal that most participants classify Internet language as an "informal language," which, for some, raises concerns about its interference with formal writing, while others recognize its role in cultural and creative expression. Furthermore, regarding the concept of multimodality, we observed that many participants already possess a general understanding of the phenomenon, although their perspectives do not encompass its full complexity. Concerning the teaching of the standard language norm, the findings suggest that, although a normative conception of language predominates among the students, there is a growing recognition of the need to integrate digital literacy into Portuguese language teaching, focusing on the competence of "contextual appropriateness" as a key element in balancing different linguistic varieties. Finally, the theoretical framework of this study is grounded in two main areas. For discussions on linguistic variation, the standard language norm, and linguistic prejudice, we drew upon the sociolinguistic studies of Antunes (2007), Bagno (2015), and Travaglia (2009). In the field of online language studies, we consulted Barton and Lee (2016), Castilho (n.d.), Freitag and Fonseca e Silva (2006), among others.

**Keywords:** Internet language (internetês). Multimodality. Language. Language use. Standard language norm.

## Introdução

A revolução das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) reconfigurou drasticamente as práticas comunicativas contemporâneas, dando origem a fenômenos linguísticos como o internetês e a crescente multimodalidade. Essas novas formas de expressão, inerentes ao ambiente digital, suscitam debates cruciais no campo da Linguística Aplicada e da Sociolinguística, especialmente no que tange à sua relação com a tradição do ensino da língua.

Nesse aspecto, podemos pensar que o internetês, caracterizado pela informalidade, abreviações e adaptação à velocidade virtual, reflete a dinâmica e a criatividade da língua em contextos mediados pelas interações online, enquanto a multimodalidade emerge como a

integração complexa de diversos modos semióticos (linguísticos, visuais, sonoros e outros) na construção de sentidos. Essas práticas não substituem a escrita escolar ou acadêmica, mas ampliam as formas de produzir e interpretar sentidos em contextos sociais diversos.

Indo nessa perspectiva, podemos elucidar que a presença dessas formas de comunicação no cotidiano dos estudantes suscita questões pedagógicas importantes, das quais serviram de base para o presente estudo, tais como: De que modo futuros professores de Língua Portuguesa compreendem o internetês? Eles o percebem como ameaça à norma-padrão ou como prática legítima de comunicação? Como entendem a multimodalidade? De que maneira avaliam a possibilidade de integrar linguagem digital e ensino de língua?

Assim, este artigo tem como objetivo analisar as percepções de estudantes do primeiro semestre do curso de Letras da UNEMAT, campus Sinop, sobre o internetês, a multimodalidade e suas possíveis relações com o aprendizado da norma-padrão.

Especificamente, busca-se: a) identificar como os participantes definem o internetês e a multimodalidade; b) observar em quais contextos eles afirmam utilizar práticas linguísticas digitais; c) examinar as avaliações sobre possíveis benefícios ou prejuízos dessas práticas para a escrita; e d) discutir as contribuições desses dados para o ensino de Língua Portuguesa e para a formação docente.

O estudo justifica-se pela atualidade do tema e pela necessidade de compreender como graduandos em início de formação docente percebem práticas linguísticas que já fazem parte da vida escolar e universitária. Nesse sentido, ao analisar essas percepções, pretende-se contribuir para uma abordagem de ensino que reconheça a norma-padrão como repertório socialmente necessário, sem reduzir a língua a um modelo único de correção nem desconsiderar os letramentos digitais que atravessam a comunicação contemporânea.

## **1. O Impacto da Tecnologia e as Novas Práticas Comunicativas**

As inovações tecnológicas redefiniram substancialmente o cenário da comunicação humana ao alcançarem vários campos da vida social. Barton e Lee (2015, p. 12) destacam que a tecnologia está intrinsecamente ligada às experiências diárias, abrangendo desde o engajamento em redes sociais até o estudo e o trabalho:

*A tecnologia faz parte das experiências vividas pelas pessoas em todos os contextos, desde engajar-se numa infinidade de sites de redes sociais com amigos, até o trabalho, o estudo ou a participação na vida familiar. De fato, é difícil encontrar uma área da vida que não tenha mudado.*

Ainda citando Barton e Lee (2015, p. 13)

A linguagem tem um papel fundamental nessas mudanças contemporâneas, que são, antes de tudo, transformações de comunicação e de construção de sentidos. A linguagem é essencial na determinação de mudanças na vida e nas experiências que fazemos. Ao mesmo tempo, ela é afetada e transformada por essas mudanças.

Nesse cenário de cultura digital, as relações sociais e comunicativas são ressignificadas, gerando novas formas de interação constante (Vasconcellos, Bortoluzzi e Ghisleni, 2021, p. 8). A emergência do internetês, das abreviações e dos novos vocabulários é uma manifestação direta dessa dinâmica, demonstrando que a língua viva se adapta rapidamente aos suportes e às demandas da web. Um dos aspectos mais marcantes da comunicação digital é a ascensão da multimodalidade. Longe de ser apenas verbal, a construção de sentido na web é inerentemente complexa e híbrida, envolvendo a articulação de diferentes recursos semióticos.

Vasconcellos, Bortoluzzi e Ghisleni (2021, p. 7) explicam que, no contexto digital, os gêneros textuais se organizam de maneira híbrida e multissemiótica. O significado de um enunciado não depende apenas das palavras escritas (ou faladas), mas também do uso e da combinação de imagens, vídeos, *emojis*, *memes* e *layouts*. As práticas de leitura e escrita tornam-se “atreladas ao uso e ao significado a partir dos contextos socioculturais em que os enunciados são produzidos, sendo eles indissociáveis da produção dos discursos.” Com isso, a multimodalidade desafia a primazia da escrita verbal tradicional, exigindo do indivíduo a capacidade de decodificar e produzir sentido através de múltiplas formas de linguagem.

Nessa mesma direção, Kress e van Leeuwen (2006) contribuem para ampliar a compreensão da multimodalidade ao demonstrar que os sentidos não são produzidos apenas pela materialidade verbal, mas também pela organização visual, pela composição, pela disposição espacial e pelas relações entre diferentes recursos semióticos. Desse modo, a leitura de textos digitais exige que o sujeito interprete simultaneamente palavras, imagens, cores, gestos, sons e formas de circulação, o que aproxima a discussão da noção de multiletramentos.

## **2. Norma-padrão e Preconceito Linguístico na Era Digital**

A convivência entre as formas inovadoras e aceleradas da comunicação digital (como o internetês) e a norma-padrão (NP) da língua suscita debates recorrentes sobre preconceito linguístico.

A norma-padrão, por sua vez, é socialmente estabelecida como a variante de prestígio, ensinada na escola e frequentemente utilizada nos documentos oficiais e na mídia tradicional. Quando as variações comunicativas da web (marcadas pela economia, abreviação e multimodalidade) são levadas para o ambiente formal, elas tendem a ser vistas, de forma equivocada, como “erros” ou “corrupção” da língua.

Daí que o preconceito linguístico se manifesta, portanto, na recusa em reconhecer as variações da linguagem digital como práticas sociais legítimas e eficientes dentro de seu contexto de uso. Bagno (2005, p. 41) argumenta que é justamente a “repetição ad nauseam dos bordões que denunciam e deploram a ‘decadência’ da língua” que “gera, nutre e sustenta o preconceito linguístico.” Ignora-se que, assim como a linguagem é transformada pelas mudanças tecnológicas, ela também se manifesta em múltiplas formas que são ‘válidas’ para a construção de sentidos, de comunicação.

Neste ponto, é crucial distinguir erro de inadequação. Travaglia (2009, p. 29) esclarece que:

Não há erro linguístico, mas a inadequação da variedade linguística utilizada em uma determinada situação de interação comunicativa, por não atendimento das normas sociais de uso da língua, ou a inadequação do uso de um determinado recurso linguístico para a consecução de uma determinada intenção comunicativa que seria melhor alcançada usando-se outro(s) recurso(s).

Essa perspectiva acentua o uso contextualizado da língua. O desafio pedagógico reside, pois, em reconhecer o valor e a funcionalidade da comunicação digital multimodal, enquanto se ensina ao estudante o repertório necessário para transitar entre os diferentes registros (formal e informal) e suportes (digital e impresso). A língua não está “ameaçada” pela inovação, mas sim transformada e ampliada pelas demandas de um mundo cada vez mais interconectado e multimodal. *Em outras palavras*, em um mundo cada vez mais globalizado, fica evidente que as mudanças linguísticas se inserem de forma cada vez mais acelerada, tornando infrutífera qualquer tentativa de resistência às inovações que perpassam a língua.

Por essa e outras razões, é fundamental que o ensino da língua portuguesa vá além da gramática normativa. Antunes (2007, p. 65) pondera que, ao lado do conhecimento gramatical, outros saberes são “necessários, imprescindíveis e pertinentes,” concluindo: “não é para ensinar apenas gramática.” Dentre esses saberes imprescindíveis está, justamente, a capacidade de se adequar ao contexto da situação comunicativa: um conhecimento essencial para usar o registro que cada ambiente exige, seja ele formal ou não.

Desconstruir o dogma normativista é, de fato, um imperativo contemporâneo. Lucchesi (2015, p. 297) conclui que:

Formar gerações que não se reconheçam no preconceito linguístico, desconstruindo o dogmatismo autoritário da tradição normativista e os fundamentos do estigma contra a linguagem popular, é certamente um dos maiores desafios que se colocam hoje para os cientistas da linguagem.

Ao abraçar a variação e a multimodalidade, a escola capacita o aluno a ser um agente comunicativo pleno, consciente das regras sociais de uso em vez de um mero repetidor de regras gramaticais descontextualizadas.

### 3. Metodologia

A pesquisa caracteriza-se como estudo de campo, de natureza básica, com abordagem qualitativa e interpretativa. Também se recorreu a uma sistematização quantitativa simples, de caráter descritivo, para organizar tendências observadas nas respostas. Essa opção metodológica não pretende generalizar os resultados para todos os estudantes de Letras, mas compreender, no recorte investigado, como graduandos em início de formação percebem o internetês, a multimodalidade e a norma-padrão.

O estudo foi realizado com 17 estudantes do primeiro semestre do curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus Sinop. A escolha desse grupo ocorreu por conveniência e pertinência temática, uma vez que se trata de acadêmicos em fase inicial de formação docente, ainda em processo de aproximação com conceitos linguísticos como variação, norma, letramentos e multimodalidade.

A coleta de dados foi realizada no primeiro semestre letivo, por meio de questionário on-line elaborado na plataforma *Google Forms*<sup>1</sup>. O instrumento continha oito questões semiestruturadas, voltadas a três eixos: a) compreensão do internetês; b) compreensão da multimodalidade; e c) relação entre linguagem digital, escrita e ensino da norma-padrão. As respostas foram identificadas por letras, de “a” a “q”, procedimento adotado para preservar o anonimato dos participantes.

A participação foi voluntária, e os dados foram analisados apenas para fins acadêmicos. Não foram coletadas informações sensíveis nem dados que permitissem identificar individualmente os respondentes. Na apresentação dos excertos, as respostas foram mantidas conforme a escrita original dos participantes, inclusive quando apresentam desvios de ortografia, concordância ou pontuação. Essa decisão metodológica busca preservar o dado empírico e evitar intervenções que alterem o modo de expressão dos estudantes.

O procedimento analítico ocorreu em três etapas. Primeiro, realizou-se a leitura integral das respostas, com identificação de recorrências temáticas. Em seguida, as respostas foram agrupadas em categorias interpretativas, como “internetês como linguagem informal”,

<sup>1</sup> As perguntas e as respostas completas dos estudantes estão devidamente apresentadas no apêndice deste artigo.

“internetês como prática social”, “adequação contextual”, “visão normativa”, “compreensão sobre multimodalidade” e “potencial pedagógico da linguagem digital”. Por fim, essas categorias foram discutidas à luz do referencial teórico, buscando evitar apenas a paráfrase dos dados e ampliar o diálogo entre as falas dos participantes e os estudos sociolinguísticos, de letramentos digitais e de multimodalidade, conforme seguirá na análise a seguir.

Como limitação, ressalta-se que o número de participantes é reduzido e circunscrito a uma única instituição e a uma única turma. Desse modo, os resultados não devem ser lidos como representativos de todos os graduandos em Letras, mas como indícios relevantes de percepções presentes em um grupo específico. Ainda assim, o recorte permite observar tensões importantes entre concepções normativas de língua e perspectivas mais abertas à diversidade linguística e aos letramentos digitais.

**Tabela 1 – Organização metodológica da pesquisa**

Aspecto	Descrição
Tipo de pesquisa	Pesquisa de campo, de natureza básica.
Abordagem	Qualitativa e interpretativista, com sistematização quantitativa descritiva.
Participantes	17 estudantes do primeiro semestre de Letras da UNEMAT, campus Sinop.
Instrumento	Questionário on-line no Google Forms, com oito questões semiestruturadas.
Identificação dos dados	Participantes identificados por letras, de “a” a “q”.
Procedimentos de análise	Leitura integral, categorização temática e diálogo com o referencial teórico.
Limitações	Recorte institucional e número reduzido de participantes.

Fonte: elaboração dos autores.

**Tabela 2 – Tendências gerais observadas nas respostas**

Eixo analisado	Tendência predominante	Indício quantitativo
Definição de internetês	Associação à linguagem informal, digital, abreviada ou vinculada a <u>memes e redes sociais</u> .	Maioria das respostas.
Uso cotidiano	Uso em contextos informais, sobretudo com amigos, WhatsApp e <u>redes sociais</u> .	Cerca de três quartos dos participantes.
Trânsito entre registros	Preocupação com dificuldade de passar do informal ao formal, embora alguns reconheçam a <u>importância da adequação</u> .	Predomínio de visão normativa.
Definição de multimodalidade	Compreensões divididas entre respostas superficiais e respostas que mencionam integração de <u>linguagens</u> .	Grupo expressivo com definição parcial.
Ensino da norma-padrão	Defesa de conciliação entre norma-padrão e linguagem digital, com <u>orientação pedagógica</u> .	Tendência relevante nas respostas.

Benefícios ou prejuízos	Predomínio da percepção de prejuízo para a escrita formal, com respostas minoritárias que valorizam criatividade e repertório.	Maioria avalia negativamente.
Potencial criativo	Reconhecimento de que internetês e multimodalidade podem favorecer criatividade, interesse e repertório comunicativo.	Maioria favorável.

Fonte: elaboração dos autores com base nas respostas do questionário.

#### 4. Análise e discussão dos dados

Para Saussure, ‘linguagem’ é uma faculdade humana, uma capacidade que os homens têm para produzir, desenvolver, compreender a língua e outras manifestações simbólicas semelhantes à língua. A linguagem é heterogênea e multifacetada: ela tem aspectos físicos, fisiológicos e psíquicos, e pertence tanto ao domínio individual quanto ao domínio social (Viotti, 2006, p.1).

Além disso, no que diz respeito à ‘língua’, Castilho (s.d., p. 30) destaca a inexistência de uma definição unívoca para a língua, pois ela está atrelada ao ponto de vista adotado, isto é, a perspectiva teórica com que se a vê. Para o autor, a dificuldade em definir esse atributo humano natural confirma a complexidade da língua, que é objeto de grande interesse nos estudos linguísticos. Assim, entendemos que tanto a língua quanto a linguagem são fenômenos que demandam grande reflexão, não se tratando, em hipótese alguma, de conceitos homogêneos em suas definições. Pelo contrário, tratam-se, isso sim, de “fenômenos envoltos por perspectivas incontestavelmente heterogêneas.”

É a partir dessa natureza social, heterogênea, enigmática e complexa da língua (gem) que analisaremos os fenômenos do “internetês” e da “multimodalidade” ao longo da análise pela ótica de alunos do primeiro semestre do curso de Licenciatura em Letras, seguindo as categorias analíticas descritas na metodologia deste estudo.

##### 4.1 Internetês como linguagem informal

Em linhas gerais, ao responderem a primeira pergunta: “O que é internetês para você?”, observa-se que a maioria dos participantes da pesquisa associa o internetês a uma linguagem informal, adaptada ao ambiente digital e marcada pelo uso de abreviações, gírias, símbolos e expressões próprias da internet.

Sob essa ótica, muitas respostas destacam a informalidade como característica central do internetês, o que, por sua vez, reflete um distanciamento dessa variante em relação a outras mais prestigiadas, como as variantes culta e padrão. Outrossim, cabe destacar que a associação do internetês à informalidade, em respostas como (m), (o) e (q), também indica uma percepção valorativa. Por exemplo, é possível deduzir, a partir dessas respostas, ideias

de certo e errado: seria inadequado, para ilustrar, usar o internetês em contextos formais, como em trabalhos universitários e escolares, ou ainda em documentos oficiais. Ou seja, em certos contextos o internetês tem menos apreço, sendo, portanto, um recurso inviável nas situações em que as condições de produção de comunicação são mais monitoradas do ponto de vista linguístico.

#### **4.2 Internetês como prática social**

Em contrapartida, outras respostas ampliam o conceito, identificando-o não apenas como uma forma de escrita, mas como uma prática social e cultural. Ao mencionarem elementos como memes e expressões cotidianas, alguns participantes reconhecem o internetês como parte integrante da cultura digital e como um instrumento de interação e construção de identidade em comunidades virtuais, como se observa nas respostas (e), (i), (j), (k), (l) e (m).

Por outro lado, algumas respostas, em (a) e (p), evidenciam certo desconhecimento do internetês, como “Não sei” e “Nunca ouvi falar, mas pela análise do nome, creio que seja relacionado à internet”. Esses casos podem indicar lacunas no letramento digital e na reflexão metalinguística sobre os usos contemporâneos da língua, o que sugere que, embora o internetês seja amplamente utilizado, nem todos possuem uma compreensão sistematizada do termo, isto é, do conceito propriamente dito.

Em outras palavras, podemos supor que os participantes que não souberam responder o que significava o termo internetês até podem utilizá-lo no dia a dia, não obstante não saberem o nome da linguagem que utilizam nas redes sociais

Em síntese, as respostas demonstram que o internetês é amplamente reconhecido como uma manifestação da linguagem informal mediada pela tecnologia e caracterizada pela simplificação e pela adaptação à velocidade da comunicação virtual.

Do ponto de vista sociolinguístico, o fenômeno reflete processos de variação e mudança linguística impulsionados pelas mídias digitais, evidenciando, nesse sentido, o caráter dinâmico e criativo da língua portuguesa em contextos cada vez mais plasmados pelas tecnologias. Assim, o internetês pode ser compreendido não apenas como um conjunto de abreviações ou gírias, mas como uma forma legítima de expressão linguística e cultural que acompanha as transformações tecnológicas e comunicativas da sociedade atual, como podemos ver em Barton e Lee (2015, p. 13) quanto a concepções que corroboram a ideia de que as mudanças na forma como nos comunicamos são fortemente influenciadas pelo movimento cada vez mais dinâmico das sociedades contemporâneas:

A linguagem tem um papel fundamental nessas mudanças contemporâneas, que são, antes de tudo, transformações de comunicação e de construção de sentidos. A linguagem é essencial na determinação de mudanças na vida e nas experiências que fazemos. Ao mesmo tempo, ela é afetada e transformada por essas mudanças.

Nesse sentido, nos espaços digitais, as formas de comunicação vão se redefinindo cada vez mais, como é o caso do internetês.

### 4.3 Adequação contextual

Já a questão, “Você usa internetês em conversas cotidianas? (memes, abreviações etc.) Se sim, em quais situações o utiliza?”, buscou-se compreender a incidência e os contextos de uso de práticas linguísticas mediadas digitalmente entre os participantes. A partir das respostas obtidas, é possível observar diferentes níveis de familiaridade e de uso do internetês.

Primeiramente, verifica-se que uma parcela significativa dos participantes associa o internetês a situações informais e de proximidade social, como indicado em respostas como (c), (f), (j), (l), (n) e (o). Nesses casos, o uso está vinculado à comunicação entre amigos ou em ambientes que permitem maior descontração. Além disso, certas respostas (b), (e) e (i) apontam para a utilização de recursos multimodais, como abreviações, gifs, figurinhas e memes, demonstrando com isso que o internetês não se limita à economia linguística, isto é, somente à velocidade da mensagem, mas se manifesta também por meio de inúmeros recursos linguísticos, os quais enriquecem a interação comunicativa e contribuem para a construção de significado em contextos digitais cada vez mais diversificados.

Por sua vez, alguns participantes evidenciam desconhecimento ou não utilização do internetês, como visto nos casos de (a), (k), (l) e (m), o que sugere que o fenômeno não é amplamente aceito ou utilizado, e que sua adoção depende de fatores sociais, culturais e individuais. Observa-se também um uso mais reflexivo ou controlado por (l), em que o acadêmico reconhece a existência do internetês, mas o utiliza de maneira eventual, afirmando, inclusive, empregá-lo com menor frequência do que outras pessoas de sua faixa etária, conforme se observa em: “Sim, porém acredito que em menor frequência que o público da mesma faixa etária”. Além disso, o participante menciona utilizar o internetês para ironizar acontecimentos ou adequar-se ao contexto comunicativo, como se percebe no restante de sua resposta: “Eu costumo utilizá-lo em algum contexto comunicativo informal com amigos ou em momento em que quero ironizar algum acontecimento”.

Por fim, vale ressaltar a resposta de (g), que afirma utilizar o internetês em quase todas as situações de comunicação. Uma resposta como essa suscita discussões acerca da adequação linguística, ou seja, se é possível dominar as diversas variantes e/ou normas da língua e empregá-las conforme o contexto comunicativo exigido. Em síntese, os dados indicam que o internetês funciona como uma linguagem que facilita a comunicação informal, a construção de identidade digital e o estabelecimento de laços sociais.

#### 4.4 Visão Normativa

No que se refere a pergunta de número 3 (três), “Você percebe que as pessoas que usam internetês têm mais facilidade ou dificuldade em transitar entre diferentes formas de comunicação (oral, escrita formal, multimodal)? Explique”, a análise das respostas revela percepções ancoradas numa visão crítica em relação a esse tipo de linguagem. De maneira geral, a maioria dos participantes associa o uso frequente do internetês à dificuldade de adaptação a registros mais formais da língua, sobretudo na escrita, bem como à dificuldade enfrentada por quem, acostumado a esse tipo de uso, tenta transitar para uma norma mais formal.

Respostas como as de (b), (e), (l), (m), (o) e (q) indicam uma concepção de que o contato constante com formas abreviadas, gírias e estruturas não convencionais pode interferir negativamente na competência linguística e no domínio da norma-padrão ou da norma culta. Essa percepção reflete uma visão prescritiva da linguagem, segundo a qual o uso em excesso de variantes informais compromete a capacidade linguística do falante, a saber, o internetês. Tal ideia é ainda muito presente no imaginário popular e reforçada, via de regra, por práticas escolares tradicionais.

Por outro lado, algumas respostas (d), (f), (i), (j) e (n) revelam uma concepção mais sociolinguística, ao reconhecerem que a facilidade de transitar entre diferentes registros depende da competência e do conhecimento linguístico do indivíduo. Em outras palavras, compreende-se, a partir dessas respostas, que o uso do internetês não é necessariamente pernicioso, desde que o sujeito possua bom letramento linguístico e consciência dos contextos comunicativos, ou seja, que seja capaz de adequar sua linguagem às convenções sociais próprias de cada situação interacional.

Em outras palavras, e em consonância com as ideias citadas acima, apresentada pela minoria dos participantes, compartilhamos da noção:

[...] em termos de língua, tudo vale alguma coisa, mas esse valor vai depender de uma série de fatores [...] usar a língua, tanto na modalidade oral como na escrita, é encontrar o ponto de equilíbrio entre dois eixos: o da adequação e o da aceitabilidade. (Bagno, 2015, p. 184).

Em suma, há um contexto em que o uso do internetês é adequado, sendo o emprego de outras variedades formais, como a norma-padrão, nesse caso, inadequado e, portanto, inaceitável pelas regras de convenção; por outro lado, há contextos em que a norma-padrão é impreterivelmente a mais adequada, sendo, então, inadequado o uso da linguagem online, isto é, do internetês. Ou seja, para qualquer situação vale o jeito de falar que é ‘adequado’ a essa situação (Antunes, 2007, p. 99).

Convém destacar a resposta do estudante (m): “Acho que facilita na hora de expressar, porque hoje tem várias formas de uso dela (memes, figurinhas no WhatsApp etc.), então, em determinadas situações, fica até mais fácil a interpretação da conversa”, na medida em que essa concepção aponta para uma valorização do internetês como forma legítima de expressão, capaz de facilitar a comunicação em contextos digitais e multimodais,

Houve ainda, o grupo de estudantes que não responderam à pergunta, enquanto apenas um afirmou não saber respondê-la por não conhecer o significado do termo “internetês”.

Outra pergunta que também se encaixa nesta categoria de análise é a de número 06 (seis): “Na sua opinião, o internetês traz mais benefícios ou prejuízos para a escrita em geral? Por quê?”, em que as respostas revelam uma predominância da percepção negativa em relação ao impacto do internetês sobre a escrita formal.

Desse modo, a maioria dos participantes associou o uso dessa linguagem a prejuízos linguísticos, especialmente no que diz respeito à ortografia, à formalidade e à adequação ao contexto comunicativo. Argumentos recorrentes destacam o risco de transferência inconsciente de abreviações, neologismos e desvios ortográficos para situações que exigem norma culta, (respostas encontradas em b, c, e, f, h, i, m, q). Tais respostas refletem uma preocupação com a influência do uso digital precoce e habitual, sobretudo entre jovens, na consolidação das convenções da escrita. De acordo com Barton e Lee (2015, p. 23):

Desde o início da internet, têm sido feitas severas críticas a características linguísticas que aparecem com frequência na comunicação online, tais como abreviação de palavras e ortografia estilizada, comumente usadas em mensagens de texto. Esses discursos públicos, ou pânico morais, grandemente reforçados pelos meios de comunicação de massa, estão centrados em como a linguagem adotada pelos jovens em sua comunicação online poderia afetar negativamente suas habilidades de letramento.

Discussões como essas têm promovido debates calorosos no que diz respeito aos estudos sobre a língua(gem). De um lado, há aqueles que acreditam que o internetês, como toda variação linguística, não tem nada de pernicioso para as práticas linguísticas do falante, sendo, na verdade, uma forma de letramento a ser aprendida. Por outro lado, há os que, movidos por crenças mais conservadoras, acreditam que o internetês traz sérios prejuízos à escrita e à leitura das pessoas em geral, na medida em que veem esse fenômeno linguístico como um uso preguiçoso da língua. Por tratar-se de estudantes do primeiro semestre do curso Letras, não é surpreendente o fato da maioria reproduzir o senso comum, e o que muitas vezes é defendido por perspectivas de ensino tradicionais.

Por outro lado, uma parcela menor dos respondentes reconhece aspectos positivos do internetês (respostas a, g, n, o), compreendendo-o como expressão de criatividade linguística, ampliação das práticas comunicativas e forma legítima de interação social em ambientes

digitais. Essas visões mais flexíveis sugerem uma concepção sociolinguística da linguagem, segundo a qual as variações e inovações não representam necessariamente empobrecimento, mas adaptação a novos contextos comunicativos.

Há ainda respostas (j, l) que apontam para uma posição conciliatória, reconhecendo a coexistência de benefícios e prejuízos a depender do contexto de uso e da consciência linguística do falante.

Em síntese, observa-se uma divergência entre perspectivas normativas e descritivas sobre o internetês. Enquanto a maior parte dos participantes o enxerga como um obstáculo ao uso formal da língua, predominando uma visão normativa, outros reconhecem sua relevância como prática comunicativa legítima, que requer apenas adequação contextual. Essa tensão reflete debates atuais na área da Sociolinguística e da Linguística Aplicada, especialmente no que se refere à valorização das múltiplas formas de expressão linguística e à necessidade de repensar o ensino de língua para além da norma-padrão.

#### **4.5 Compreensão sobre multimodalidade**

Quanto às respostas da questão “O que é multimodalidade para você?”, pode-se, em linhas gerais, destacar uma gama de compreensões distintas entre os acadêmicos, uma parte considerável delas consonantes com Barton e Lee (2015, p. 33) que afirma:

As pessoas mobilizam recursos semióticos disponíveis para construir sentido e afirmar suas relações com os significados expressos. Em particular, elas combinam imagens e outros recursos visuais com a palavra escrita online. Novas relações de linguagem e imagem estão se desenvolvendo. A imagem não está substituindo a linguagem; mas estamos percebendo novas formas de esses modos trabalharem poderosamente em conjunto.

Essa articulação entre linguagem verbal e recursos visuais evidencia que a multimodalidade não se reduz à presença simultânea de texto e imagem, mas envolve a combinação de diferentes modos semióticos mobilizados na produção de sentidos, conforme evidencia Vasconcellos, Bortoluzzi e Ghisleni (2021, p. 2), ao apontarem que:

Os textos multimodais são aqueles que empregam mais de um tipo de código semiótico para construir seu sentido. São exemplos desses textos os que circulam nas redes sociais, cuja comunicação se dá não apenas por texto escrito, mas também por imagens e vídeos.

Para outras contribuições quanto ao conceito podemos pensar também em Hetkowski e Menezes, (2019, p. 214):

Avançamos em direção aos multiletramentos que consideram a multiplicidade cultural e semiótica, que é a constituição dos textos que circulam nos contextos sociais mediados pelas TIC. Isso traz novas demandas, que são as habilidades de interpretar a linguagem em suas diferentes representações, por conta dos textos multimodais que combinam mais de um modo semiótico em sua organização, como o linguístico, o imagético, o gestual, o sonoro.

Por esse caminho, é possível analisar as respostas dos participantes à luz da integração entre diferentes modos de comunicação.

Observa-se, nas respostas (a), (d), (i), (k), (p) e (q), um conhecimento superficial acerca do conceito de multimodalidade. À guisa de ilustração, os comentários de (a), (i) e (p) “Várias modalidades”/ “Mais de uma modalidade” são tautológicos, pois apenas acrescentam expressões como “várias” ou “mais de uma” sem oferecer maior aprofundamento conceitual.

Ademais, na resposta (k), nota-se, de forma mais acentuada, que o participante possivelmente não tem conhecimento do termo, uma vez que afirma: “Algo que tem várias opções, de cursos, por exemplo”. De modo igual, isso ocorre na resposta (d) cujo participante responde “Algo prático”. Já a fala do acadêmico (q) “Vários gêneros juntos” é uma definição em certo grau equivocada, pois embora a multimodalidade seja uma característica frequente dos gêneros textuais e digitais contemporâneos, ela não se define apenas pela junção de gêneros, mas sim pela articulação de modos semióticos na construção do sentido.

Um segundo grupo de respostas, englobando (e), (f), (g), (o) e (m) avança para a noção de diversidade ou mistura de elementos da comunicação. As respostas (f), (g) e (o) “mistura de mais de um tipo de linguagem,” “múltiplos tipo de comunicação,” “Diferentes tipos de linguagem” capturam o aspecto de pluralidade semiótica, apesar de não dizerem a que tipo ou tipos de linguagem se referem.

A resposta (e) «são as várias formas de alguma coisa, como por exemplo, o linguístico que pode se apresentar verbal ou não verbal ou ambos», insere corretamente o par verbal/não verbal como um exemplo de variação na manifestação semiótica, para somar-se uma resposta mais completa, podemos associar outras, como as de (h) e (m) “Combinação de diferentes modos de comunicação, como imagem, áudio, texto escrito” e “É a união da comunicação como escrita e imagens”. Desse modo, temos respostas que abarcam a definição mais completa de multimodalidade.

Além disso, as respostas (b) “É o uso de vários tipos de linguagem em um texto para que a transmissão de informação seja facilitada e mais efetiva” e (l) “É o uso de diversas formas de comunicação com o mesmo objetivo comunicativo, uma mesma mensagem” inserem a dimensão pragmática/comunicativa e a função semiótica na transmissão da mensagem, conforme a/s literatura/s que a definem como a articulação de recursos semióticos (verbais, visuais, sonoros, gestuais, espaciais, etc.) para a produção de significado em uma situação comunicativa.

Por último, a resposta (n) “É a integração de diferentes formas de linguagem” é sucinta e conceitualmente correta, pois enfatiza a integração de linguagens como processo-chave. Já as respostas (c) e (j) trazem sentidos que se aproximam de outro conceito, a saber, o de multiletramentos. A primeira “Saber utilizar a linguagem em diferentes contextos, se expressar”, e a segunda “Como já falei, acho interessante, mas depende do contexto em que ela se aplica, porque há momentos e momentos para o uso”, abordam o tema sob a perspectiva da adequação e da contextualização, um ponto relevante para a análise multimodal, que é, por natureza, contextual. Ambas, portanto, também se aproximam, como dito anteriormente, do conceito de multiletramentos, entendido como a capacidade de ler (e escrever) em diferentes contextos, indo além do texto escrito para incluir a interpretação de imagens, sons, vídeos e outros recursos multimodais.

#### **4.6 Potencial pedagógico da linguagem digital**

No tocante à questão “Como equilibrar o ensino da norma-padrão e a valorização da linguagem digital contemporânea? Explique”, a análise das respostas revela diferentes opiniões sobre o equilíbrio entre o ensino da norma-padrão e a valorização da linguagem digital contemporânea.

De forma geral, observa-se a predominância de perspectivas que buscam conciliar, de maneira contextual e pedagógica, as duas variedades linguísticas, reconhecendo suas especificidades e funções comunicativas. Nesse sentido, temos um cenário que vai ao encontro das concepções sociolinguísticas e multimodais.

Dentro desse olhar mais democrático e inclusivo diante das diversas normas linguísticas, estão inseridas as respostas (b), (c), (e), (g), (i) e (p), que se destacam por apresentarem reflexões mais coerentes e alinhadas com concepções atuais sobre os fenômenos da linguagem. Em (b) e (p), por exemplo, observa-se a defesa da integração da internet como ferramenta pedagógica, desde que acompanhada de orientação ética e linguística. Com isso, percebe-se uma abordagem compatível com o conceito de letramento digital crítico, o qual enfatiza o uso consciente e contextual das linguagens que circulam socialmente nos espaços digitais, sem perder de vista a importância do ensino e do uso da norma-padrão.

Tais concepções, que defendem o ensino de ambas as variedades linguísticas, mas de forma a considerar os contextos em que cada uma deve ser empregada, estão presentes, por exemplo, nos trechos de (b): “Inserindo a internet na sala de aula, mas conscientizando para o uso devido dessa no cotidiano e a conduta mais adequada para o ambiente digital” e (g): “Ambas têm funções importantes no âmbito educacional, cada uma em seu contexto. O importante é ensinar que ambas as formas são corretas para a comunicação, mas cada uma tem a sua utilidade dentro de um contexto”; O participante (p) também contribui com essa

ideia em sua resposta, “Acredito que não podemos abominar o mundo digital e, sim, usá-lo como ferramenta”, que podem ser encontradas a grosso modo, em (c), (e) e (i) contudo, não nos estenderemos na análise de todas elas.

Numa outra perspectiva, respostas como (f), (j), (k), (n) e (q) podem denotar insegurança quanto aos conceitos fundamentais da Linguística. É natural que, por serem alunos do primeiro semestre do curso de Letras, os participantes ainda não tenham entrado em contato com disciplinas que abordem variação linguística, normas linguísticas, letramentos, multiletramentos e outros conceitos correlatos. Ainda que outros acadêmicos do mesmo semestre tenham respondido à pergunta com maior embasamento teórico, é preciso levar em consideração que cada indivíduo é mediado e moldado por vivências distintas, as quais interferem significativamente (e sobretudo) no conhecimento de cada um. Por esse motivo, são compreensíveis respostas como a do participante (f): “Não sei, talvez mais regulamentação da internet”, ou (k) “Não sei dizer” e na mesma perspectiva (q): “Não faço ideia”.

As respostas (j) e (n), por sua vez, apresentam tentativas de elaboração de uma proposta, como se observa em (j): “Não sei, talvez fazendo atividades que misturem um pouco dos dois, como jogos avaliativos ou essas coisas puxadas pra essa área” e expressado por (n): “É um desafio trazer essa linguagem do virtual para o cotidiano. Vejo como barreira a forma de abreviação das palavras usadas no virtual”.

Outra questão que entra nesta categoria é a de número 07 (sete): “Você acredita que o internetês, quando combinado com multimodalidade, ajuda a desenvolver a criatividade linguística dos alunos? Justifique sua resposta”, nossa análise nota uma inclinação majoritária favorável à combinação entre internetês e multimodalidade como estímulo à criatividade linguística dos alunos<sup>2</sup>. A maior parte dos participantes (respostas a, b, c, e, f, g, h, j, l, n, o) reconhece o potencial pedagógico dessa integração, destacando aspectos como a ampliação do repertório comunicativo, o incentivo à expressão criativa e o aumento do interesse dos alunos pela aprendizagem linguística. Essas respostas revelam uma compreensão intuitiva de que o uso do internetês, quando articulado a diferentes modos semióticos, como imagens, vídeos, sons e emojis, pode favorecer e muito a construção de sentidos múltiplos e contextualizados, aproximando o ensino das práticas comunicativas reais dos estudantes. E isso porque:

com as novas formas de participação e diálogo, as pessoas podem ser mais reflexivas, mais conscientes da linguagem e provavelmente mais tolerantes com as variedades linguísticas. Elas também são mais lúdicas e criativas com a língua, exibindo consciência metalinguística. Essa criatividade tem a ver com o fato de a internet ser um espaço para a mudança linguística. A

<sup>2</sup> Esse é um dado interessante do nosso estudo, pois, partindo da hipótese de que como a maioria dos estudantes apresentaram uma visão mais normativa, poderiam, via de regra, recusar a ideia de utilizar o internetês como prática para o desenvolvimento criativo da linguagem, o que mostrou ser contrário.

reflexão e a discussão sobre a linguagem conduzem ao desenvolvimento das virtualidades da linguagem e das maneiras como as pessoas podem empregá-las para agir no mundo. Isso é importante para estudos sobre reflexividade e consciência linguística” (Barton e Lee, 2015, p. 34).

Nesse aspecto, essa perspectiva corrobora a ideia de que as práticas linguísticas digitais não apenas transformam os modos de comunicação, mas também ampliam a capacidade crítica e criativa dos sujeitos, favorecendo uma postura mais consciente, isto é, reflexiva, e participativa diante da linguagem.

Voltando o olhar para as respostas dos acadêmicos, vale destaque, dentre as respostas, a do participante (e), que propõe uma visão equilibrada, reconhecendo tanto o potencial expressivo dessa combinação quanto a necessidade de moderação e adequação ao contexto formal:

Acredito que pode ajudar, assim como as outras formas de aprendizado, mas como já pontuado anteriormente, precisa haver um equilíbrio de uso, a combinação proporciona mais liberdade na hora de se expressar pois permite o experimento das várias formas da linguagem, contudo, o equilíbrio entre ambos continua sendo essencial.

Por outro lado, uma minoria dos respondentes (I, m, q) expressa dúvidas ou rejeição à proposta, apontando possíveis dificuldades de adaptação a esse tipo de linguagem ou falta de familiaridade com o tema. Ainda assim, tais respostas refletem mais insegurança conceitual do que uma crítica fundamentada à combinação entre internetês e multimodalidade.

Em síntese, os dados sugerem uma predisposição positiva dos participantes à integração de linguagens digitais e multimodais no ensino, reconhecendo seu valor como recurso didático capaz de desenvolver a criatividade, a autonomia e a competência comunicativa dos alunos, desde que acompanhado de orientação pedagógica adequada e reflexão sobre os usos da língua.

### **Considerações finais**

A análise das respostas permite concluir que os estudantes investigados reconhecem o internetês como prática associada à comunicação digital, à informalidade e ao uso de abreviações, memes, figurinhas e outros recursos próprios das interações on-line. Entretanto, esse reconhecimento aparece frequentemente acompanhado de uma preocupação com possíveis interferências na escrita formal e no aprendizado da norma-padrão. Tal resultado evidencia a força de concepções normativas de língua, ainda presentes no imaginário de graduandos em início de formação docente.

Ao mesmo tempo, os dados mostram que os participantes não possuem uma visão homogênea. Parte deles reconhece que o internetês pode ser compreendido como prática legítima de comunicação, desde que situado em contextos apropriados. Essa percepção aproxima-se de uma perspectiva sociolinguística, na qual o problema central não é a existência de diferentes usos, mas a capacidade de adequá-los às condições de interação.

Quanto à multimodalidade, observou-se que muitos participantes possuem uma compreensão inicial do conceito, embora nem sempre consigam defini-lo de forma precisa. As respostas mais elaboradas apontam para a integração de texto escrito, imagem, som e outros modos de comunicação. Esse dado reforça a necessidade de ampliar, nos cursos de Letras da UNEMAT campus de Sinop, o trabalho com textos multimodais e letramentos digitais, desde o início da formação, uma vez que a escola contemporânea já é atravessada por gêneros e práticas que ultrapassam a escrita verbal tradicional.

A principal contribuição deste estudo está em evidenciar que o ensino de Língua Portuguesa pode articular norma-padrão, variação linguística e linguagem digital sem reduzir uma dimensão à outra. Ensinar a norma-padrão continua sendo uma tarefa fundamental, mas esse ensino torna-se mais significativo quando vinculado à reflexão sobre contextos, gêneros, interlocutores e finalidades comunicativas. Desse modo, o internetês e a multimodalidade podem ser trabalhados como objetos de análise, comparação e produção textual, favorecendo a consciência linguística e a formação crítica de futuros professores.

Conclui-se, portanto, que a formação docente precisa preparar o professor para lidar com a pluralidade das práticas linguísticas contemporâneas. Em vez de opor escola e cultura digital, é possível construir uma pedagogia da adequação, na qual os estudantes compreendam que diferentes formas de linguagem possuem funções distintas e que o domínio da norma-padrão se fortalece quando acompanhado de reflexão sobre os demais repertórios de uso da língua.

## Referências

ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2005.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*. 56. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BARTON, David; LEE, Carmen. *Linguagem online: textos e práticas digitais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

CASTILHO, Ataliba T. de. *O que se entende por língua e linguagem?* Museu da Língua Portuguesa: Estação da Luz, [s.d.].

FREITAG, R. M. K.; FONSECA E SILVA, M. *Uma análise sociolinguística da língua utilizada na internet: implicações para o ensino de língua portuguesa*. Revista Intercâmbio, v. 15. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2006.

HETKOWSKI, Tânia Maria; MENEZES, Cátia Nery. Práticas de multiletramentos e tecnologias digitais: múltiplas aprendizagens potencializadas pelas tecnologias digitais. In: FERRAZ, Obdália (org.). *Educação, (multi)letramentos e tecnologias: tecendo redes de conhecimento sobre letramentos, cultura digital, ensino e aprendizagem na cibercultura*. Salvador: EDUFBA, 2019. p. 205-230.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading images: the grammar of visual design*. 2. ed. London; New York: Routledge, 2006.

LUCCHESI, Dante. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

VASCONCELLOS, Érica Tex de; BORTOLUZZI, Valeria Iensen; GHISLENI, Taís Steffenello. *Gêneros de texto e multimodalidade*. Research, Society and Development, v. 10, n. 1, e14610111255, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11255>.

VIOTTI, E. *A língua para Ferdinand de Saussure*. Estudos Linguísticos, Curso Letras Libras, UFSC, 2006.